

As Filhas de Eva

O Lugar da Mulher: uma tensão entre a tradição teológica e os princípios reformado

Por: Bianca Daébs¹

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Gn. 3.6

Não conseguiremos compreender as práticas e representações das mulheres cristãs sem entender o imaginário que perpassa o universo cristão acerca do conceito de “ser mulher”.

A interpretação patriarcal do mito de Eva tem-se perpetuado histórica e socialmente, sobretudo através da retórica e da oratória dos pais da igreja, sendo continuada nos reformadores. O discurso desses homens, ostentado como verdade divina por meio do clero e da publicação de suas literaturas, tem oprimido e invisibilizado um número significativo de mulheres, principalmente as latinas e africanas, já marginalizadas por condições sociais, políticas e econômicas ao longo da História.

É verdade que o patriarcalismo não é um privilégio do cristianismo: esse é um legado que remonta a séculos anteriores, a muitas culturas e religiões. Mas, de acordo com a preponderante teologia cristã tradicional, a propensão ao pecado e à desordem já não é potencial, mas efetiva, e a mulher é, particularmente, responsável por ela. Dentro da História do Cristianismo, a submissão da mulher é tanto reflexo de sua natureza inferior, quanto punição por sua responsabilidade pelo pecado. Esse padrão da Antropologia patriarcal pode ser ilustrado em toda a linha da teologia cristã clássica, desde os tempos antigos até os modernos. Mencionaremos particularmente *Santo Agostinho, Tomás de*

¹ Bianca Daébs é Reverenda da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Este texto é uma adaptação da dissertação de Mestrado – Uma História da Mulheres Batistas Soteropolitanas.

Aquino, Lutero e Calvino, por serem representantes históricos da tradição cristã católica romana e da reformada.

Como, então, disse-nos o apóstolo que o homem é a imagem de Deus e, por conseguinte, está proibido de cobrir sua cabeça, mas que a mulher não o é e, por conseguinte, se lhe ordena que cubra a cabeça? A menos, certamente, de acordo com aquilo que eu já disse quando tratava da natureza da mente humana, que a mulher, junto com seu próprio marido, seja a imagem de Deus, de modo que a substância toda possa ser uma única imagem, mas, quando se faz referência a ela como companheira e ajudante, o que concerne somente à mulher, então ela não é a imagem de Deus, mas, no que concerne somente ao homem, ele é a imagem de Deus de maneira tão plena e completa como quando a mulher também está juntada a ele em um. (*De Trinitate*, 7, 10)²

Em seu exame da imagem de Deus, refletida na Trindade, Tomás de Aquino busca demonstrar quão secundária é a mulher enquanto possuidora da imagem de Deus. Só o homem possui a imagem de Deus de modo normativo. Tomás de Aquino dá continuidade à tradição agostiniana, mas torna literal o “simbolismo” da mulher em relação ao lado inferior do “eu”, ao aceitar uma teoria biológica da inferioridade da mulher. Ele adotou a definição aristotélica da mulher como “homem bastardo”. De acordo com a biologia aristotélica, o sêmen masculino fornece a “forma” do corpo humano. O papel reprodutivo da mulher contribui só com a matéria que “empresta a carne a esse poder formador do sêmen masculino”. Em termos normativos, toda inseminação masculina deveria produzir outro homem à imagem de seu pai. Mas, por algum acidente, essa forma masculina, algumas vezes, é subvertida pela matéria feminina e produz um espécime humano inferior ou defeituoso, ou a mulher. Essa inferioridade toca a natureza inteira da mulher. Ela é inferior no corpo (mais fraca), inferior na mente (menos capaz de razão), e inferior moralmente (menos capaz de vontade e autocontrole moral).

² AQUINO, Tomas. Apud. RUETHER, Rosemary. P. Opus Cit. p 85

Duncan A. Reily, em seu livro “*Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica*”, no capítulo em que trata dos Ministérios Femininos na Igreja Moderna, comenta que a Idade Média foi um tempo de pouca abertura aos ministérios femininos. Diz também que o mundo da Reforma e o da Contra Reforma tampouco ofereceriam muitas novas oportunidades a fim de que as mulheres cristãs praticassem seus ministérios. Contudo, explica que a relativa esterilidade da Reforma no que tange aos ministérios da mulher não se deve à teologia em que o movimento se alicerçava. Fazendo uso de uma hermenêutica crítica feminista, *Duncan* faz sua análise dos princípios da Reforma:

Só a graça (*sola gratia*) que Deus oferece livremente a todo ser pecaminoso, a qual é apropriada por mulheres e homens, por meio de sua confiança no Cristo de Deus (*sola fide*) – eis uma firme base para uma compreensão não sexista da redenção! Só a escritura (*sola scriptura*), por sua vez, é um chamado para redescobrir e reapropriar a revelação de Deus na sua plenitude e abrangência, inclusive a sexualidade e a igualdade entre mulher e homem como intentos de Deus, a maternidade de Deus e a riqueza dos ministérios da mulher cristã que a Bíblia registra. (...) finalmente não deve ser esquecido o princípio do sacerdócio universal de toda pessoa que crê em Cristo, base firme para a plenitude do ministério feminino³.

Para *Rosemary Ruether*, a Reforma Protestante trouxe algumas modificações que abrem espaço para uma leitura equânime, na qual homem e mulher estão colocados em pé de igualdade diante de Deus. Trata-se do “sacerdócio universal dos crentes”. O problema é que esse princípio não se converteu numa mudança essencial na linha da Antropologia patriarcal. Talvez por isso, o “sacerdócio universal dos crentes” não trouxe, na prática, a igualdade de condições entre homens e mulheres, proposta em sua teoria. Segundo ela, o próprio Lutero recorreu à tradição monástica e mística ao asseverar que, na criação original, Eva teria sido igual a Adão. Ele sugere que a Eva original nem pode ser conhecida mediante referência à natureza atual da mulher. A punição de ser agora sujeita ao homem foi imposta a ela após o pecado, assim como os demais incômodos e

³ DUNCAN A Reyley, *Ministérios femininos em perspectiva Cristã*. p 155-156.

perigos: trabalho de parto, dor e inúmeras outras aflições. Portanto, Eva não era como a mulher de hoje é: seu estado era muito melhor e mais excelente e ela não era inferior a Adão em nenhum sentido, nem quanto às qualidades do corpo nem quanto às da mente.⁴

Lutero acreditava que, como punição pela queda, a mulher perdeu sua igualdade original e tornou-se inferior em mente e corpo. Agora, dentro da História da queda, ela está sujeita ao homem como seu superior. Essa subjugação não é um pecado contra ela, mas sua punição por seu pecado. É expressão da justiça divina. Qualquer revolta, (ou mesmo queixa) contra ela, por parte da mulher, significa uma recusa cavilosa de aceitar o juízo de Deus.

Assim, o uso que Lutero fez da doutrina da igualdade original de Eva com Adão não se converteu em fonte para uma reavaliação teológica da submissão histórica da mulher. Pelo contrário, simplesmente aprofunda a repreensão feita a ela como alguém cuja pecaminosidade causou a perda dessa igualdade original e fez por merecer o castigo da subjugação ou submissão.

Quanto à tradição calvinista, *Ruether* argumenta que João Calvino relacionou equivalência e subordinação de modo diferente de Lutero e da tradição católica anterior. No calvinismo, as mulheres não só eram iguais, mas também são equivalentes aos homens na imagem de Deus. Em sua natureza essencial, elas têm tanta capacidade para consciência e as coisas espirituais quanto os homens. A subordinação das mulheres aos homens não é uma questão de inferioridade, nem na natureza nem na História pós-queda. Reflete, antes, a ordem social criada por Deus, pela qual ele ordenou o domínio de alguns e a subjugação de outros: governantes sobre súditos, senhores sobre servos, maridos sobre esposas, pais sobre filhos. Essa ordem hierárquica não é um reflexo de

⁴ Apud. RUETHER, Rosemary. P. Opus Cit. p. 86

diferenças da natureza humana, mas, antes, de diferenças de cargo social designado. O homem domina não porque ele seja superior, mas por que Deus lhe ordena que o faça. A mulher obedece não por que seja inferior, mas por que este é o papel que Deus lhe atribuiu. Os cargos ou funções sociais são necessários para que haja boa ordem na sociedade. Esse padrão de pensamento é claramente explicado na teologia contemporânea de *Karl Barth*.

“Para Barth, essa ordem estabelecida e criada do homem sobre a mulher reflete o pacto da criação. Como criador, Deus é soberano sobre sua criação. O pacto da natureza não foi anulado, mas restabelecido no pacto da graça, pelo qual Cristo, como cabeça, governa seu povo como servo obediente. Por conseguinte, o homem e a mulher estão ordenados necessariamente numa relação entre aqueles que lideram e aquelas que seguem. Ambos deveriam aceitar seu próprio lugar nessa ordem, ele com humildade e ela com boa vontade. Com isso, o homem não é exaltado nem a mulher é rebaixada; antes, os dois só ocupam seu próprio lugar no esquema de coisas decretado por Deus, aceitando essa ordem apropriada”⁵.

A tradição calvinista tenta transformar a dominação masculina e a subordinação feminina numa ordem da criação positivista e legal (a Igreja) e dissociá-la das noções de uma inferioridade inata da mulher ou de sua maior propensão ao pecado.

Como já foi dito, os batistas são herdeiros do legado da Reforma Protestante, e, como tais, ainda que guardadas as devidas proporções, são herdeiros dos princípios que regeram teológica e doutrinariamente a Reforma Protestante, que passaram a ter forte influência na concepção de mundo a partir da idade moderna.

Podemos então perceber, através dessas citações e comentários, que os “Pais da Igreja”, os “Reformadores” e alguns teólogos contemporâneos, na pessoa dos seus mais ilustres representantes, divergem apenas quanto ao método de abordagem. Eles são unânimes em afirmar, em suas elaboradas “teologias”, como sendo sagrada, boa e aceitável aos

⁵ RUETHER, Rosemary. Sexismo e Religião. São Leopoldo, RS. Sinodal, 1993. p 239.

olhos de Deus, (um Deus que também é “homem”!), a submissão e subserviência feminina, como uma forma de punição pela queda e remissão pela culpa.

Percebemos assim que há um espaço teológico para uma leitura mais digna e equânime da participação da mulher numa perspectiva social, cultural e eclesiástica. Mas a tensão se estabelece entre o princípio teológico do “sacerdócio universal dos crentes” e o exercício hermenêutico tradicional dos reformadores, que não se desvencilharam da leitura oficial dos Pais da Igreja. Entendemos que essas tensões teológicas e sociais constituem-se em alguns dos motivos pelos quais não houve, por parte dos cristãos brasileiros, como herdeiros desse legado teológico, uma apropriação dos princípios protestantes, nos quais homem e mulher são supostamente iguais diante de Deus e da Igreja.

REFERÊNCIAS

BAESK, Siblya. (Org) *Mulheres Desafiam as Igrejas Cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

BIBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli. Editora Perspectiva. 1974

CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1990.

DAEBS, Bianca. *Uma História das Mulheres Batistas Soteropolitanas*, Dissertação de Mestrado UFBA- 2006.

DUNCAN, Reyle A. *Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica*. Cebepe e Edteo. São Bernardo do Campo, 1997.

DUNCAN, Reyle A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. ASTE. São Paulo, 2003.

FIORINZA, Elizabeth. *Discipulado de Iguais*. “Uma Ekklesia – logia feminista crítica da libertação” Tradução de Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FIORINZA, Elizabeth. *As Origens Cristãs. A Partir da Mulher*. “Uma Nova Hermenêutica”. São Paulo. Paulinas, 1992.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio*. “Uma Fenomenologia do Mal” (Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth.) Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

MILLARD, Alison Mary. *Escritura, Tradição e Razão: Debate Sobre Ordenação de Mulheres ao Sacerdócio*. Instituto Metodista de Ensino Superior . São Paulo 1995.